

## ***Rotas entre o Brasil e o Império: uma conversa com A.J.R. Russell-Wood***

### **Entrevista Concedida ao Prof. Luciano Raposo Figueiredo \***

Professor de História e chefe do Departamento de História na *Johns Hopkins University* em Baltimore, Maryland, Estados Unidos. A.J.R. Russell-Wood tem posição de destaque na historiografia brasileira dedicada ao período colonial. Em seus livros e artigos vem analisando temas centrais da História social, sobretudo da Bahia e Minas Gerais. É colaborador freqüente de inúmeras revistas em língua inglesa especializadas em História das Américas.

É atualmente editor geral da coleção *An Expanding World - The European Impact on World History, 1450-1800.*, da editora Variorum, da Grã-Bretanha. Seu mais recente livro *O mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e na América, 1415-1808*<sup>1</sup> foi lançado em outubro pela editora Difel de Lisboa. Em julho de 1999 estará lançando dois livros: *Loyal government in European Overseas Empires, 1415-1800* e *Government and Governance of European Empires, 1415-1800* (Ashgarve: U.K. / USA).

Lecionando no departamento de História da *Johns Hopkins University* desde 1971, quando chegou aos Estados Unidos, vem orientando dissertações e pesquisas sobre Brasil colonial. Vive em contato permanente com Portugal onde é constantemente convidado para proferir cursos e conferências.

Infelizmente, uma proporção pequena de seus trabalhos - sobretudo artigos - foi traduzida para o português, limitando o acesso do estudante de História à sua obra. Essa entrevista é um modo de visitar algumas das principais contribuições desse historiador que muito tem feito pela historiografia colonial.||

**Nossa primeira pergunta é, de certo modo, inevitável. O que levou um historiador britânico a se dedicar com tanto empenho à história colonial brasileira?**

Minha trajetória na direção de uma carreira acadêmica com especialização em história do Brasil colonial não foi a conclusão de uma progressão linear que tivesse desde o início um claro objetivo em mente mas, ao contrário, uma série de acasos que no final convergiram. Eu devo à erudição de meus pais uma educação que

---

\* Professor do Departamento de História da UFF.

<sup>1</sup> Edição original: *A World on the Move: the Portuguese in Africa, Asia, and America, 1415-1808*. New York: St. Martin's Press, 1993. 289 p. [ Manchester: Carcanet associada com Calouste Gulbenkian Foundation, 1992]

incluiu estudos na França e Alemanha e uma estada em Córdoba, Espanha, suficientemente longa para que chegasse a um bom nível de fluência em espanhol. Depois de minha formatura na escola secundária, trabalhei temporariamente como professor e treinador de cricket antes de conseguir um emprego na Pacific Steam Navigation Company, uma empresa associada ao Correio Real da Inglaterra, onde trabalhei nos departamentos de passageiros e de carga. Com o objetivo de fazer carreira em comércio internacional e ampliar meu conhecimento em línguas, comecei a aprender português em uma escola noturna. Um posto em Vigo e, mais tarde, em Lisboa possibilitou que eu praticasse meu português. Convencido de que um diploma era importante, fui para a Universidade de Oxford, onde me especializei em literatura espanhola e portuguesa. Porém, foi ficando claro que minha fascinação com a língua, a literatura e a cultura portuguesas era predominante. Em vista disso, dediquei meus estudos ao português e me tornei o primeiro aluno na história da Universidade a receber o título de Bachelor in Arts exclusivamente em Língua Portuguesa.

Meu grande interesse era filologia portuguesa e, após a graduação, considerei seriamente aprender mirandês e analisar o impacto || sobre esta língua ancestral da || afluência de imigrantes contratados para trabalhar numa represa de uma hidroelétrica em Trás-os-Montes. Houve mesmo a possibilidade de um emprego para ensinar língua e literatura portuguesas naquela que era então a Universidade do Sul da Rodésia, que hoje é o Zimbábue . Eu então recorri ao apoio de Charles Boxer e ele fez o seguinte comentário: “Você pode ter a oportunidade de passar férias em Lourenço Marques e catar pedaços da porcelana Ming and Qing na praia !” Entretanto, meus interesses já estavam se voltando para a História. Houve duas influências neste sentido: a primeira foi Peter Russell, filólogo, especialista em literatura espanhola e autor de livros sobre Fernão Lopes e a presença inglesa em Portugal. Peter me ensinou o respeito pela autenticidade dos registros históricos, o rigor na leitura dos textos e a análise crítica. Sempre influente foi Charles Boxer com quem, enquanto estava em Oxford, estudei as crônicas portuguesas na Ásia. Seu amor pela História era contagiante, tanto assim que eu sempre procurava viajar de Oxford para o King’s College em Londres para conversar com ele . Desta forma, meu interesse em história de Portugal começou através da “porta dos fundos” da Ásia, especialmente o Japão. Meus estudos de história levaram-me ao fascínio pelo Brasil.

Fui aceito para o doutorado em Oxford por Hugh Trevor-Roper, recebi uma bolsa de estudos no St. Anthony’s College e passei três anos pesquisando e escrevendo, primeiramente na Bahia. Fiquei totalmente cativado pela riqueza e diversidade da história do Brasil colonial mas não quis cair na armadilha de limitar minha pesquisa a uma só área ou economia. Por essa razão dediquei mais dois anos a pesquisas em Minas Gerais. Ainda que meu caminho para a história do Brasil não tenha sido direto, nunca negligenciei a valiosa formação que tive antes de me tornar historiador. Minha filosofia pessoal sobre a História é que para o historiador não

existe qualquer área de conhecimento que seja irrelevante. Uma formação, seja ela em Humanidades ou Ciências Sociais, por exemplo, em literatura, lingüística, antropologia ou economia, é parte inestimável dos predicados de um historiador. Entretanto, nenhum historiador deve fechar os olhos para mecanismos informais de aquisição de conhecimento: marfins indo-portugueses de Goa, louças de porcelana oriental em São Luís do Maranhão ou tapetes de Guzerate com a descrição de uma caravela portuguesa, são fontes igualmente válidas para o historiador social ou econômico, assim como também para o historiador da cultura material.

**Quando ainda trabalhava na Grã-Bretanha, o senhor publicou *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*<sup>2</sup> (1968), um agudo e bem fundamentado estudo sobre a mobilidade e formas de ascensão social na Bahia a partir da Santa Casa de Misericórdia. Em seguida à sua mudança para os Estados Unidos, em 1971, organiza e escreve *From Colony to nation: Essays on the Independence of Brazil*<sup>3</sup> (1975) onde discute as raízes do rompimento do Brasil com Portugal e publica o livro *The Black Man In Slavery And Freedom In Colonial Brazil*<sup>4</sup> (1982) tratando das resistências escravas, da cultura africana, e das formas de sobrevivência e luta das mulheres, negros e mulatos. A passagem para a América alterou de alguma forma a perspectiva de seu trabalho?**

Sob esse ponto de vista, minha mudança da Grã-Bretanha para os Estados Unidos desempenhou um papel fundamental. Enquanto minha experiência como graduando na Inglaterra foi marcada por estudos individuais, com poucas oportunidades para discutir minhas idéias e freqüentemente isolado, uma característica do sistema norte-americano é a grande ênfase na metodologia e no efetivo treinamento dos estudantes, dotando-os com as habilidades necessárias para tornarem-se historiadores profissionais. Embora sendo já um professor quando vim para os Estados Unidos, beneficiei-me muito da atmosfera intelectual dos estudos comparativos e interdisciplinares, que é a marca da prática acadêmica na The Johns Hopkins University. Este ambiente intelectual era acompanhado por um alto grau de profissionalização. O planejamento e implementação dos seminários exigia rigor na conceituação e na adequada colocação de questões ou apresentação das hipóteses. O Seminário da Johns Hopkins é uma instituição centenária sendo, com todo o mérito, famosa no meio acadêmico. Scholars não lêem o texto de suas comunicações nem

---

<sup>2</sup> A. J. R. Russell-Wood. *Fidalgos and Philanthropists: The Santa Casa da Misericórdia of Bahia, 1550-1755*. London/ Berkeley: Macmillan /University of California Press, 1968 . Traduzido no Brasil, *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. 383p ( Coleção Temas Brasileiros)

<sup>3</sup> Idem, *From Colony to nation: Essays on the Independence of Brazil*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1975

<sup>4</sup> Idem, *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil*. London: The Macmillan Press, 1982. [ New York: St. Martin's Press] Reimpresso em 1992.

apresentam conferências, ao invés disso, são solicitados a enviar esses textos duas semanas antes do seminário. O texto circula com antecedência entre professores e estudantes e, no dia do seminário, depois de uma introdução que não excede cinco minutos, a restante hora e meia é dedicada à discussão. Em virtude do freqüente grau de especialização dos temas discutidos ( por exemplo “Sistemas hidráulicos na província de Hubei na China” , “Trabalhadores da conservação florestal de Madagascar e projetos de desenvolvimento”, ou “Moralidade sexual na condenação de Paris de 1277” ), aqueles que assistem precisam não apenas ter feito uma leitura crítica do texto mas estarem preparados para formular perguntas que tanto desafiem o conteúdo ou interpretação quanto sugiram abordagens alternativas ou metodologias mais adequadas, ou ainda ofereçam pontos de comparação que possam melhor aprofundar o tema em discussão. Professores e estudantes são assim estimulados a exercitar plenamente, em uma discussão crítica e construtiva, as habilidades que são as ferramentas do profissional de História. Esse alto grau de especialização é contagiante e seu impacto em meu desenvolvimento como historiador tem sido fundamental. A Johns Hopkins também proporciona um ambiente intelectual que estimula a experimentação de novas metodologias das Ciências Sociais em particular e, mais recentemente, da Teoria Literária. Tais abordagens interdisciplinares têm proporcionado um suporte teórico que, de outra maneira, teria sido ausente, ensinando-nos, ao mesmo tempo, que os historiadores não podem trabalhar isoladamente, mas precisam estar plenamente atualizados sobre os avanços em outras disciplinas. Um terceiro aspecto reside na ênfase de estudos comparativos. No final da década de 1960 e na de 1970, havia ainda uma dimensão pouco crítica em torno de tais estudos comparativos e os resultados, freqüentemente, não eram senão estudos de casos de duas ou mais economias, sociedades ou políticas com poucas possibilidades de serem comparadas satisfatoriamente. Apesar desse senão, eu realmente sinto que há um grande potencial para metodologias interdisciplinares e abordagens comparativas nos estudos históricos. Os Estados Unidos proporcionaram um ambiente intelectual estimulante no qual aperfeiçoei meus interesses em história administrativa, em expressão e identidade coletiva, como as representadas nas irmandades de mulatos e negros e nas ordens terceiras, e naqueles novos campos emergentes na década de 1980: a história da mulher e a história da família.

Essa vivência na América do Norte refletiu-se numa agenda de pesquisas e subseqüentes publicações que foram além do meu primeiro livro, *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*<sup>5</sup>, de 1968, que foi um estudo socioeconômico da filantropia social em Salvador a partir da ação da Santa Casa de Misericórdia. Esta agenda de pesquisas me habilitou a enxergar uma vasta variedade de temas, em especial a mobilidade social, padrões de doações e os meios através dos quais uma instituição privada preencheu funções que deveriam ser

---

<sup>5</sup> Idem, *Fidalgos e Filantropos: a Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. 383p ( Coleção Temas Brasileiros)

de responsabilidade da coroa ou da municipalidade. Morar nos Estados Unidos, incentivou-me a estudar as relações entre centro e periferia, a criação dos Estados Nacionais na Europa e a infinita variedade de relações entre metrópole e colônia. Eu via estas relações em um sentido dinâmico e busquei avançar além da historiografia tradicional ( que era dominada por uma perspectiva da metrópole ) no sentido de examinar o grande potencial do papel dos colonos em negociar com a administração real, contribuindo com o domínio metropolitano na administração do Brasil. Um antigo ensaio sobre este tema discuti a administração local em Minas Gerais com atenção especial para Vila Rica.<sup>6</sup> Eu estava particularmente interessado na natureza do pacto colonial e estava intrigado pela noção de permeabilidade ou porosidade no comércio, mais do que um estrito apoio à política mercantilista. Miscigenação, precondições e condicionantes do movimento de independência, a dinâmica das interações entre metrópole e colônia e a formação da identidade foram temas que resultaram diretamente das preocupações de scholars norte-americanos refletidos em estudos sobre as colônias inglesas na América do Norte e no Caribe e no movimento de independência. Estes interesses convergem em *From Colony to nation: Essays on the Independence of Brazil* (1975),<sup>7</sup> uma série de ensaios de scholars norte-americanos, brasileiros e europeus. *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil* (1982)<sup>8</sup> foi produto de um contexto acadêmico que assistiu uma enchente de publicações de estudiosos sobre escravidão e a instituição do escravismo na América inglesa e no Caribe. Este foi também um exercício de história “compensatória”<sup>9</sup> em vários sentidos: primeiro por mudar o debate para além daquilo que vinha sendo feito há quase meio século, inicialmente por Gilberto Freyre em seu clássico *Casa grande e senzala*, segundo por examinar a questão da identidade entre pessoas de descendência africana, revelado no contexto corporativo das irmandades e nas companhias de milícia, terceiro por ir além da dicotomia entre escravidão ou liberdade possibilitando o chiaroscuro de uma escravidão mais nuançada e negociada que foi condicional por natureza ou constituiu liberdade condicional e, finalmente, por enfatizar que houve vozes africanas que se levantaram, foram ouvidas e respondidas por governadores, vice-reis e reis.

**Uma das marcas de seu trabalho tem sido a valorização do estudo de biografias de personagens que por alguma circunstância mereceram atenção - dentre os quais se poderia lembrar o “potentado” Manuel Nunes Viana, o estudante brasileiro em Coimbra Antônio Álvares Pereira, o escravo Antonio Fernandez**

---

<sup>6</sup> Idem, O governo colonial na América portuguesa: um estudo de divergência cultural. *Revista de História*, v. 55, n. 109, São Paulo, p. 25-79, 1977 (publicado originalmente na revista *Comparative Studies in Society and History*, v. 16, n.2, 1974, p. 187-231).

<sup>7</sup> Idem, *From Colony to nation: Essays on the Independence of Brazil*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1975.

<sup>8</sup> Idem, *The Black Man In Slavery And Freedom In Colonial Brazil*. London: The Macmillan Press, 1982. [ New York: St. Martin's Press]. Reimpresso em 1992.

<sup>9</sup> O mesmo sentido que “História vista a partir de baixo”. [ n.t.]

**em sua dolorosa luta por justiça ou mesmo Manuel Francisco Lisboa carpinteiro e arquiteto português, pai do Aleijadinho. Qual o papel desse tipo de abordagem no trabalho do historiador do período colonial?**

Sempre tive um forte sentimento de que os historiadores precisam estar conscientes da dimensão humana da História e que, ainda que modelos econométricos e análises de sistema possam jogar luz sobre os registros históricos, a dimensão humana deve deter a supremacia. Esta preocupação foi mostrada em um pequeno ensaio *Manuel Francisco Lisboa. A Craftsman of the Golden Age of Brazil*.<sup>10</sup> Um grupo de ensaios reunidos em *Society and Government in Colonial Brazil*<sup>11</sup>, me possibilitou focar três indivíduos: um estudante no século XVII da Universidade de Coimbra, nascido na Bahia; Manuel Nunes Vianna, um poderoso do sertão no Brasil do século XVIII; e Antonio Fernandes, um escravo cujo julgamento e atribuições com as autoridades judiciais de Salvador foram dolorosos. Todos os três levantaram amplas questões: de identidade, das relações colônia-metrópole, da extensão do efetivo governo da coroa e daqueles sem voz na colônia. Indivíduos também estiveram presentes em um antigo ensaio sobre a mulher e a sociedade no Brasil colônia, inicialmente publicado em 1977 e que representou um esforço pioneiro para trazer uma abordagem de gênero para a História social e econômica da colônia. Isto foi também um exercício “compensatório” em história, sobretudo por alterar o tratamento estereotipado da mulher na historiografia ao abordar, inversamente, uma maior e mais ativa contribuição da mulher na sociedade, economia e comércio do Brasil.

Mais recentemente, tenho ficado intrigado pelo desafio de posicionar o Brasil em meio ao vasto contexto do mundo de influência portuguesa. Ensaio como “Frontiers in Colonial Brazil--Reality, Myth and Metaphor”<sup>12</sup> e “Ports of Colonial Brazil”<sup>13</sup> tentaram explorar uma dimensão comparada. *Portugal e o Mar: um Mundo Entrelaçado*<sup>14</sup> foi uma tentativa de ampliar a interpretação da experiência portuguesa no ultramar. Nesta obra defendo a importância do mar como sendo a força unificadora deste imenso e disperso império e discuto como as forças naturais ditaram o ritmo do império. *A World on the Move*<sup>15</sup> buscou superar aquilo que entendo como uma fragmentação da historiografia. Introduzindo o tema do movimento fiquei liberado, por várias razões, dos limites geográficos e cronológicos e busquei enfatizar a dinâmica e as interconexões entre Brasil, África e Ásia. Os temas escolhidos para ilustrar essa abordagem foram meios de transporte, pessoas,

---

<sup>10</sup> Idem, Belo Horizonte, 1968.

<sup>11</sup> Idem, *Society and Government in Colonial Brazil, 1500-1822*. Great Britain: Variorum, ca. 1982

<sup>12</sup> Idem, “Frontiers in Colonial Brazil - Reality, Myth and Metaphor”, in *Society and Government in Colonial Brazil, 1500-1822*. Great Britain: Variorum, ca. 1982.

<sup>13</sup> Idem, “Ports of Colonial Brazil”, in *Society and Government in Colonial Brazil, 1500-1822*. Great Britain: Variorum, ca. 1982.

<sup>14</sup> Idem, *Portugal e o Mar: um Mundo Entrelaçado*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1997.

<sup>15</sup> Idem, *A World on the Move: the Portuguese in Africa, Asia, and America, 1415-1808*. New York: St. Martin's Press, 1993. 289 p. [Manchester: Carcanet associada com Calouste Gulbenkian Foundation, 1992]

gêneros de comércio, flora, fauna e a transmissão de idéias e estilos. Essa ampla visão de um império, desenhada nos produtos que vêm do Brasil, África e Ásia, enfatiza pontos em comum e divergências e está refletida em doze capítulos da História da Expansão Portuguesa: os portugueses no mundo,<sup>16</sup> organizado por Kirti Chaudouri e Francisco Bethencourt. O enfoque geral desses capítulos está na sociedade do Império entre 1415 e 1808 e a mudança de ênfase refletida na substituição da Índia Portuguesa para o Brasil português. Tópicos ali discutidos incluem fluxos de emigrantes, fronteiras, políticas de fixação e integração, governantes e comunidades étnicas.

Minas Gerais é particularmente rica em fontes não documentais para nosso entendimento de História. Para aqueles visitantes que chegam pela primeira vez, as mais evidentes dessas fontes talvez sejam a hidrografia e a topografia, um conhecimento que é fundamental como ponto de partida para qualquer pesquisador do comércio, mineração e urbanização da capitania. O que é surpreendente é que Minas Gerais, embora fosse uma capitania sem um porto, não esteve menos atrelada às vazantes e cheias de um Império marítimo que se estendia das Molucas a Mato Grosso. Certos artefatos ilustram essa interconexão da capitania com outra periferia do Império, nomeadamente a Ásia: os painéis com chineses da catedral de Mariana ou a porta de origem oriental em Nossa Senhora do Ó, em Sabará; pesos de bronze, artefatos indo-portugueses que eram utilizados em Minas Gerais no século XVIII e que estão hoje no Museu do Ouro, também em Sabará; assim como a rica iconografia para ilustrar as técnicas de mineração em ouro e diamantes e as condições de trabalho na capitania. Estes artefatos e iconografia complementam e potencializam as fontes documentais e o historiador deve estar alerta para as lições que eles trazem. Há também certas mercadorias ( ouro e prata, têxteis e especiarias são apenas quatro óbvios exemplos ) que precisam ser estudados em um contexto global.

Isso me leva para outro ponto: a fragmentação da historiografia do Brasil. Em um amplo quadro, esta fragmentação é prontamente evidente na historiografia do Estado da Índia e no Estado do Brasil. Historiadores do Estado da Índia, que se estendeu desde o cabo da Boa Esperança até as Molucas, raramente escrevem sobre colônias portuguesas banhadas pelo Atlântico. Historiadores do Brasil têm muito a aprender com a perspectiva comparada através da incorporação da Ásia, África e América. Sob esta perspectiva, historiadores brasileiros têm concebido o Atlântico como uma ponte ( e não um obstáculo) entre culturas e povos, sejam estes europeus ou africanos. Sem dúvida um conhecimento da história da África é parte essencial da bagagem de um historiador do Brasil, assim como o conhecimento de história moderna da Europa. Não menos importante é saber situar a história de qualquer capitania do Brasil no amplo contexto da história colonial. No atual estágio da pesquisa histórica as peças do mosaico da história da colônia são suficientemente

---

<sup>16</sup> Kirti Chaudouri e Francisco Bethencourt (org.), *História da expansão portuguesa: os portugueses no mundo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, volumes I,II, III.

numerosas para os historiadores avançarem em trabalhos de síntese interpretativa. Finalmente, há a fragmentação imposta por uma estreita concepção sobre o que compreende a disciplina História. A ênfase na história social, econômica, intelectual, cultural ou administrativa tem resultado num virtual desconhecimento da história dos têxteis, cerâmica, da música, medicina, epidemiologia ou ainda dos hábitos e roupas, ainda que esse desconhecimento venha sendo remediado nos últimos tempos.

**O senhor é reconhecidamente um pesquisador empenhado na investigação nos arquivos e na presença prolongada em contato com fontes primárias. Como encara a função da pesquisa no trabalho historiográfico?**

Vejo a pesquisa arquivística como condição *sine qua non* para o historiador. Apenas através do contato com fontes primárias pode o estudante de História adquirir a autodisciplina que envolve rigor metodológico, registros meticolosos, a habilidade de escolher, a análise cuidadosa e a confiança para interpretar a evidência que fazem a diferença do historiador profissional. Eu gostaria de enfatizar a palavra “interpretar” porque o papel do historiador não é apenas coletar, registrar e classificar dados. O papel do historiador é interpretar as fontes históricas e chegar o mais objetivamente possível a conclusões que vão ensinar gerações presentes e futuras sobre as lições do passado. Sob esse ponto de vista é importante não esquecer que a dimensão humana está no coração da História e que as lições da História se destinam a aumentar a compreensão da condição humana, como seres humanos têm enfrentado as adversidades, dificuldades e sucessos e como interagem com os outros. Documentos abrem a janela para o passado, não apenas pelo seu conteúdo, mas pelas nuances da língua, justaposição de palavras, ortografia e ainda como artefatos culturais. Os arquivos em Minas Gerais ( eclesiásticos, governamentais, municipais e das irmandades, entre outros ) possuem tal riqueza e diversidade que são fontes indispensáveis para a reconstrução da história da capitania.

**Como vê a historiografia de Minas Gerais colonial hoje e nos últimos anos?**

A historiografia de Minas Gerais nos anos recentes reflete a crescente profissionalização do estudo de História no nível da graduação nas Universidades brasileiras. A criação de programas de doutorado proporcionou um maior incentivo nessa direção, mas não menos importante tem sido o surgimento de programas de mestrado de excelente qualidade. O resultado têm sido dissertações de doutorado ( todas elas do mais alto nível ) em que se encontra o melhor padrão profissional e que refletem a sofisticação da conceitualização no uso das fontes e sua interpretação. Apesar de sua abrangência mais limitada, as dissertações de mestrado têm evidenciado o crescente interesse pelo período colonial e, mais importante, refletem



o recurso à pesquisa em arquivos. Muitas delas são claramente dignas de publicação. A boa nova é que, no Brasil, scholars de todos os níveis vêm dirigindo suas atenções para o período colonial e têm apoiado seus estudos em fontes primárias mais do que em fontes secundárias publicadas. Para Minas Gerais cinco temas predominam nesse renascimento histórico: escravos e escravidão, mulher e gênero, história da família, história administrativa e demografia histórica. Entre esses novos pesquisadores estão Laura de Mello e Souza, Francisco Vidal Luna, Iraci del Nero da Costa, Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, Júnia Ferreira Furtado, Carlos Magno Guimarães e Eduardo França Paiva. Esses historiadores têm em comum o fato de seus estudos serem apoiados em dados que provêm em grande parte dos arquivos de Minas Gerais, complementados por pesquisas na Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Não menos óbvio é aquilo que talvez se possa chamar de internacionalização da história de Minas Gerais e, genericamente, do Brasil. Com isto quero dizer que os pesquisadores regularmente consultam arquivos e bibliotecas em Portugal, Paris, Londres e nos Estados Unidos.

**Acompanhando de perto nas últimas décadas os estudos de história do Brasil realizados nas universidades norte-americanas, de que maneira essas abordagens vêm contribuindo para as interpretações do Brasil colonial? Que novos conteúdos e abordagens esses trabalhos introduzem? Como andam as pesquisas e o interesse dos alunos e pesquisadores norte-americanos a respeito da história do Brasil?**

Esta nacionalização da história do Brasil colonial pelos historiadores brasileiros é particularmente bem-vinda em um período em que aparentemente há um declínio na Europa e nos Estados Unidos, em particular, do número de jovens pesquisadores que se dedicam ao campo do Brasil colonial. A assimetria (com desvantagem para o Brasil) entre estudos nos Estados Unidos sobre América espanhola e América portuguesa, que data de uma época anterior à I Guerra Mundial, vem aumentando agudamente nas últimas duas décadas. O período de 1930 a 1984 produziu 79 teses de doutorado nas universidades americanas que lidavam, totalmente ou em parte, com Brasil colonial. Mas o que foi um pequeno boom na década de 1970 (39 dissertações) vem sendo progressivamente erodido. Tem havido um marcante decréscimo na publicação de artigos sobre Brasil colonial, assim como de monografias de pesquisadores, ainda que questões de gênero e escravidão no Brasil continuem a interessar pesquisadores juniores nos Estados Unidos.

**Uma das propriedades de seus trabalhos vem sendo chamar antecipadamente a atenção para assuntos relevantes, nem sempre valorizados pelos historiadores. Quais são as áreas ainda não exploradas pelos pesquisadores de Brasil colonial?**

Embora muitas tenham sido as realizações na história do Brasil colonial e, na história de Minas Gerais em particular, muito ainda resta para ser feito. Uma relação de temas aguardados incluiria o seguinte: biografias de dignitários da Igreja e do Estado e de indivíduos como Manuel Nunes Viana e João Peixoto Viegas; história da administração fiscal, processos de tomadas de decisão e administração; ordens religiosas e clero secular. A história de Minas Gerais é cheia de oportunidades, cujas prioridades incluem: uma biografia de dom Pedro de Almeida Portugal, uma abrangente história da produção e exportação de diamantes, uma ampla história da produção de ouro, da produção têxtil nos finais do período colonial (Douglas Libby foi autor de um pioneiro estudo nessa área) e, ainda, outras pesquisas sobre música, medicina, além de uma história intelectual da capitania.